

JOÃO ORLINDO MARQUES



A Casa da Luz...

Património Industrial da Senhora do Desterro, Serra da Estrela

Em jeito de prefácio...

As questões relacionadas com o património estão na moda. Na actualidade, este é invocado, com ou sem razão, para justificar um número diversificado de acções, quer quando se pretende estudar e preservar testemunhos do passado, quer quando se impõe a necessidade de requalificar espaços e instalações. Sempre que é necessário dar futuro ao passado, o património é invocado e chamado à liça.

Porém, como conceito histórico que é, tem variado significativamente ao longo do tempo. Se, nos finais do século XIX, poderia ser definido como a “vitrine do génio nacional”, no momento em que a palavra cristalizara na noção de *monumento histórico*, herdada da Revolução Francesa, a partir dos anos oitenta do século XX, o conceito não tem cessado de se expandir, incorporando os testemunhos de um tempo desaparecido, e orientando-se em direcção a realidades que, sem poderem ser qualificadas como de excepcional valor, são representativas de uma identidade nacional, regional ou local.

Esta metamorfose corresponde a uma evolução silenciosa mas decisiva: a passagem da história nacional à memória nacional, na expressão feliz do historiador François Furet. Por outras palavras: à passagem de uma consciência histórica da nação a uma consciência social, decorrente de uma profunda e progressiva democratização, a qual converteria o património naquilo que alguns autores qualificam de “o sagrado laico das sociedades contemporâneas”.

Desta forma, ao lado da peça única, de excepcional valor, pode conviver o singelo objecto quotidiano ou as grandes construções industriais, entendidos como parte importante da memória das populações, reforçando, em simultâneo, a identidade das comunidades em que se inserem. A própria democratização conduziu ao alargamento do conceito de fonte histórica, pondo fim, como salientam alguns autores, à “ditadura do documento escrito”, orientando-se no sentido da incorporação de fontes materiais, entre outras.

É no contexto desta lata e caleioscópica consciência patrimonial, que contém em si a imensa capacidade de “fazer recordar”, que se enquadra o livro de João Orlindo Simão Ventura Marques, *A Casa da Luz... Património Industrial da Senhora do Desterro, Serra da Estrela* que a Câmara Municipal de Seia, em colaboração com a EDP – Produção, entenderam publicar. Este reproduz, quase na íntegra, a sua dissertação de Mestrado, orientada cientificamente por mim e pelo meu colega Prof. Doutor José d’Encarnação, realizada no âmbito do Mestrado de “Museologia e Património Cultural” da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tendo tido como arguente o Prof. Doutor Jorge Fernandes Alves, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e alcançado a nota máxima.

Trata-se de uma obra que nos convida a olhar de perto a Central Hidroeléctrica da Senhora do Desterro, localizada na freguesia de São Romão, no concelho de Seia, e o papel que esta desempenhou na cobertura regional da rede eléctrica, ajudando a pôr fim aos sortilégios e aos medos das trevas, perante a impaciência de uma população que ansiava pela “luz”. Reconhecia-se que, sem energia eléctrica, era impensável qualquer tipo de crescimento económico

moderno, sendo a lâmpada incandescente inventada por Thomas Alva Edison um dos grandes símbolos do progresso da sociedade contemporânea.

De etapa em etapa, somos levados a remontar no tempo, percorrendo o caminho que conduziu, no início do século XX, à sua inauguração, em 1909, debruçando-se sobre a sua evolução até ser desactivada nos anos 1990. João Orlindo Simão Ventura Marques evoca, a este título, as iniciativas particulares e o papel das empresas privadas; esboça a cronologia do processo de electrificação; reconstitui o esforço dispendido na construção da central, das barragens (do Covão do Curral, da Lagoa Comprida...), dos túneis, rendendo homenagem às centenas de homens que trabalharam em condições árduas na Serra da Estrela, quão bela quanto agreste. Confere relevo particular ao pioneiro da electrificação na região, o empresário António Marques da Silva (1868-1953), um inventor do futuro que, desde cedo, acalentou o sonho de aproveitar os recursos hídricos do concelho de Seia.

A partir da década de 1940, ainda no contexto do *Estado Novo*, dá-se início a uma outra etapa na história da central, a da sua salvaguarda e revalorização, que o autor surpreende ainda em esboço e que reconstitui até à actualidade. Uma parte substancial do livro destina-se, precisamente, a dar sustentabilidade à ideia de um museu, inventariando os seus testemunhos, tangíveis e intangíveis, sejam tecnológicos, saberes-fazer, processos de trabalho, ou tão-só histórias de vida de pessoas comuns, enfim, tudo o que deixou profundas marcas na memória e na identidade das comunidades locais.

João Orlindo Simão Ventura Marques reconstitui, com precisão e minúcia, o trajecto da Central Hidroeléctrica da Senhora do Desterro, desde a génese à actualidade, fazendo-o acompanhar de uma proposta concreta, bem fundamentada, de musealização do vasto património da empresa, reutilizando as suas instalações, à luz dos modernos conceitos museológicos que conferem aos museus um papel activo de intervenção social, no contexto de uma estratégia de desenvolvimento da região em que se inserem. Como afirma J. Amado Mendes, numa obra recentemente publicada, “[...] o que existe, em termos de património industrial, detectado e devidamente identificado através de um rigoroso processo de inventariação, só tem viabilidade de ser conservado se lhe for dada utilização, como que num segundo ciclo de vida da respectiva existência” (*Museus e educação*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2009, p. 173).

Estamos, pois, perante um estudo comprometido com a realidade actual, elucidativo do empenhamento do historiador como cidadão, com plena consciência da estreita ligação entre história, património industrial e responsabilidade cívica, bem como das suas potencialidades na preservação do ambiente e no apoio à educação e à cultura. *A Casa da Luz... Património Industrial da Senhora do Desterro, Serra da Estrela* constitui um contributo sério para a implementação de um original projecto, preservando um espaço que constitui um indelével *lugar de memória* do concelho de Seia.

Irene Vaquinhas

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra